

Agnes
Grey

Anne Brontë

Agnes Grey

Tradução
Lucas Montenegro



Principis

Esta é uma publicação Principis, selo exclusivo da Ciranda Cultural
© 2021 Ciranda Cultural Editora e Distribuidora Ltda.

Traduzido do original em inglês
Agnes Grey

Produção editorial e projeto gráfico
Ciranda Cultural

Texto
Anne Brontë

Diagramação
Linea editora

Tradução
Lucas Montenegro

Imagens
Apostrophe/Shutterstock.com;
Flower design sketch gallery/Shutterstock.com;
Apostrophe/Shutterstock.com;
Yurchenko Yulia/Shutterstock.com;
Pavlo S/Shutterstock.com

Preparação
Jéthero Cardoso

Revisão
Renata Daou Paiva

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

B869a	Brontë, Anne
	Agnes Grey / Anne Brontë ; traduzido por Lucas Montenegro. - Jandira : Principis, 2021. 224 p. ; 15,5cm x 22,6cm. - (Clássicos da literatura mundial)
	Tradução de: Agnes Grey ISBN: 978-65-5552-404-8
	1. Literatura inglesa. 2. Romance. I. Montenegro, Lucas. II. Título. III. Série.
2021-1105	CDD 823 CDU 821.111-31

Elaborado por Odilio Hilario Moreira Junior - CRB-8/9949

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura inglesa: Romance 823
2. Literatura inglesa: Romance 821.111-31

1ª edição em 2021

www.cirandacultural.com.br

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, arquivada em sistema de busca ou transmitida por qualquer meio, seja ele eletrônico, fotocópia, gravação ou outros, sem prévia autorização do detentor dos direitos, e não pode circular encadernada ou encapada de maneira distinta daquela em que foi publicada, ou sem que as mesmas condições sejam impostas aos compradores subsequentes.

Sumário

O presbitério	7
Primeiras lições sobre a arte da instrução	21
Algumas lições a mais	30
A avó	43
O tio	53
Novamente o presbitério	60
Horton Lodge.....	67
O “ingresso na sociedade”	82
O baile	85
A igreja.....	90
Os camponeses.....	96
A chuva	111
As primulas	116
O reitor.....	124
A caminhada.....	139
A substituição	148
Confissões	153
Alegria e luto.....	165
A carta.....	176
O adeus	180
A escola.....	187
A visita	194
O parque	204
As areias.....	209
Desfecho	217



O presbitério

Toda história que se diga verdadeira é dotada de uma introdução. Mesmo que seja penoso extrair de algumas narrativas o seu tão protegido e valioso cerne, este, às vezes, é tão insuficiente que mal vale o labor de romper a casca rígida e enrugada que o envolve como uma noz. Seja este o caso da minha história ou não, falta-me a sabedoria necessária para avaliar. Por vezes, acredito que ela possa ser significativa para uns, ou um mero divertimento para outros; que o mundo julgue. Encerrada em minha própria obscuridade, e sob alguns nomes falsos que acumulei ao longo dos anos, não temo assumir a responsabilidade de escrevê-la. E serei franca com o público acerca de tudo aquilo que, até então, eu não revelaria mesmo ao amigo mais íntimo.

Meu pai era pároco no norte da Inglaterra, e com mérito possuía o respeito de todos que o conheciam; em sua juventude, vivera uma vida digna sob a renda proporcionada por uma pequena paróquia, além de dispor de uma modesta propriedade. Minha mãe, que contra a vontade de muitos se casou com meu pai, era filha de um abastado dono de terras, além de ser uma mulher de personalidade. Em vão lhe fora exaustivamente advertido que, ao se casar com o pároco, seria forçada a abdicar de todos os privilégios

advindos de sua casta, dentre eles a carruagem e a criada particular. Apesar do inegável proveito oriundo de todas essas pompas, elas não passavam de frivolidades para a minha mãe, que era perfeitamente capaz de andar com os próprios pés. Obviamente não negligenciava o luxo de uma residência ou a vastidão de uma propriedade, mas preferia infinitamente viver em um pequeno chalé com o pároco Richard Grey a viver em um palácio com qualquer outro homem.

Considerando injustificáveis os argumentos dos dois apaixonados quanto a sua união, o pai de minha mãe comunicou-lhes que eles poderiam muito bem se casar, se quisessem. No entanto, realizado o matrimônio, a filha perderia o direito sobre cada centavo de sua fortuna. Com isso, ele esperava frustrar a fantasia de ambos. Porém, tudo foi em vão. Meu pai conhecia muito bem o valor superior de minha mãe para não perceber que ela era uma fortuna valiosa em si mesma. E, se ela consentisse em embelezar sua humilde lareira, ele ficaria feliz em aceitá-la sob quaisquer condições. Ela, por sua vez, se sujeitaria a qualquer trabalho árduo a ver-se privada do homem que amava, cujo bem-estar se dispunha de bom grado a garantir e com quem ela já se unira de corpo e alma.

A fortuna de minha mãe foi então assumida por uma irmã de mente mais prática, que se casara com um poderoso homem e que, para espanto e desgosto de todos que a conheciam, viveu até morrer em uma monótona vila ao sopé das montanhas. E, apesar de todos os agouros lançados sobre o matrimônio dos meus pais, custa-me acreditar que, naquele tempo, fosse possível encontrar um casal mais feliz do que eles em toda a Inglaterra.

Dentre seis filhos, minha irmã Mary e eu fomos as únicas que resistimos aos fatais riscos da fragilizada saúde típica da infância. Sendo a mais nova por uma diferença de uns cinco ou seis anos, eu era naturalmente a criança para quem todas as atenções (tanto dos meus pais quanto da minha irmã) se voltavam. Mas minha família, ao contrário de procurar fazer de mim uma garota mimada e impune diante de quaisquer atos de desobediência que eu viesse a cometer, era movida por puro e constante zelo. Seu intuito era me tornar indefesa e dependente o bastante para que

eu não me visse compelida a encarar as desavenças e os tormentos de que o mundo dispunha.

Mary e eu fomos educadas em extrema reclusão. Com a exceção do Latim, ministrado por meu pai, minha mãe tratou de nos ensinar tudo o mais que fosse necessário, sendo ela altamente versada e disposta a manter-se em atividade, de modo que nunca foi preciso frequentarmos a escola. E, como a vizinhança era escassamente habitada, nossas raras interações com o exterior limitavam-se a eventuais jantares com os mais prestigiados proprietários e comerciantes da região, o que nos inclinávamos a fazer unicamente para evitar rumores de que éramos orgulhosos demais para confraternizar com nossos vizinhos. Além disso, uma vez ao ano visitávamos a casa de nosso avô paterno, onde ele, nossa doce avó, uma tia e uns três outros adultos mais velhos eram sempre os únicos seres que víamos. Havia vezes em que nossa mãe nos envolvia com histórias sobre sua mocidade, o que estimulava, pelo menos em *mim*, um desejo secreto de conhecer um pouco mais sobre o mundo.

Imaginava que minha mãe havia sido bastante feliz; mas ela nunca parecia se arrepende dos tempos passados. Ao passo que meu pai, cujo espírito não era dado à calma nem ao bom humor, incomodava-se excessivamente com reflexões sobre os sacrifícios que sua amada esposa fizera por ele, além de passar penosas horas arquitetando meios de ampliar sua minguada riqueza. Mesmo sem conseguir abrandar o martírio de meu pai, minha mãe lhe assegurava que estava plenamente satisfeita com sua vida, e que, mesmo que ele reservasse uma porçãozinha da fortuna para as suas filhas, ainda restaria o suficiente para que todos nós vivêssemos confortavelmente até o futuro.

Mas meu pai não era hábil com economias. Apesar de nunca se afundar em dívidas (pelo menos não graças à minha mãe), enquanto houvesse dinheiro ele continuava gastando. Tinha imenso gosto em ver sua casa bem cômoda, suas filhas e esposa bem vestidas e servidas; além do mais, ele era caridoso em demasia, e lhe dava prazer prover algo para os pobres, contanto que essa ajuda estivesse dentro de seu orçamento. Mas às vezes, sabia-se, ele dava mais do que lhe era cabível ofertar.

Até que, em um belo dia, um amigo da família sugeriu ao meu pai formas possíveis de dobrar a área de sua propriedade e, depois disso, aumentá-la para um tamanho inimaginável. Esse homem era um negociante, de espírito visionário e inegavelmente talentoso, que estava um tanto limitado em suas empreitadas mercantis por falta de capital, mas generosamente ofertou parte de seus lucros ao meu pai, que em troca deveria confiar-lhe o que pudesse empregar. O homem assegurou que, fosse qual fosse a quantia investida, o retorno viria em dobro para a nossa família. Aceitando a proposta, meu pai logo comprou a pequena fração do patrimônio do gentil negociante, que em seguida embarcou em um navio rumo a uma viagem a negócios.

Ficamos todos bastante entusiasmados. Por ora, obviamente, dependíamos unicamente da escassa quantia proveniente da paróquia, mas para o meu pai não havia razão alguma para nos limitarmos tão rigorosamente a essa renda, uma vez que os seus negócios estavam prestes a prosperar; assim, acumulando dívidas com os senhores Jackson, Smith e Hobson, demos conta de nos sustentar confortavelmente, como nunca fôramos capazes até então. Contudo minha mãe insistia continuamente em estabelecer alguns limites; afinal, a manutenção do nosso bem-estar era incerta. E, então, ela se propôs a administrar todas as despesas da família, a fim de que meu pai não sentisse os grilhões de tais limites. Porém, ele era um homem incorrigível, e negligenciou os seus avisos.

Como foram prazerosas as horas que Mary e eu passamos sentadas perto da lareira, estudando, ou vagando sobre as colinas relvadas, repousando à sombra da bétula (a única árvore de porte em nosso jardim), alimentando fantasias sobre um futuro próspero para todos nós, sobre o que teríamos, faríamos e veríamos. Apoiávamos esses devaneios apenas nas promissoras especulações feitas pelo comerciante.

Nosso pai encontrava-se quase tão sonhador quanto nós, mas ele tinha um jeito próprio de encobrir sua ansiedade; manifestava suas ardentes esperanças apenas por pequenos gestos e brincadeiras que sempre me surpreendiam por sua perspicácia. Vê-lo daquele jeito, tão otimista e alegre, era de imenso agrado para o coração de nossa mãe, que ria, radiante

de felicidade; mas no mesmo instante ela se lembrava de que ele talvez estivesse alimentando demais suas expectativas. E, um dia, eu até pude ouvi-la sussurrando:

– Que Deus tenha piedade e não permita que meu marido se decepcione... Não sei como ele suportaria tanta frustração...

E então o fatídico dia nos alcançou, quando nosso pai afinal foi acometido por amarga decepção. A notícia caiu sobre nós como o estrondo de um trovão: a embarcação que transportava o negociante naufragou, e, junto com ele e parte da tripulação, nossa fortuna foi tragada pelas águas. Meu coração doeu pelo meu pai e pela ruína dos nossos sonhos. No entanto, o alheamento típico da juventude logo levou de mim aquele pesar inicial.

Ainda que a vida abastada fosse sedutora, uma garota inexperiente como eu não via ameaça alguma na pobreza. Ao contrário, havia algo de revigorante em lidar com crises, em sobreviver com o que estivesse ao nosso alcance. Se ao menos o papai, a mamãe e a Mary enxergassem as coisas dessa forma... Assim, todos perceberiam que somente através de atitudes poriam um fim ao seu pranto. E, quanto mais nos privássemos de privilégios imediatos, maiores seriam as chances de usufruirmos deles no futuro, e manter a mente apegada a essa recompensa nos daria mais ânimo para enfrentar as adversidades do presente.

Mary não se entregou ao pranto, mas constantemente se queixava de nossa má sorte, e assim afundou aos poucos em um derrotismo tão intenso que meus esforços para reerguê-la se mostraram ineficientes. Não fui capaz de abrir seus olhos para o lado positivo daquilo tudo, tão claro para mim. E toda aquela atmosfera carregada de descrença me fez manter em segredo as minhas opiniões, que certamente seriam julgadas como tolas e infantis.

Minha mãe só pensava em consolar meu pai, e pagar as nossas dívidas e reduzir os nossos gastos por qualquer meio disponível. Ainda assim, os pensamentos de nosso pai continuavam inteiramente tomados pelo nosso infortúnio; sua saúde mental e física pereceu, e ele nunca foi capaz de se recuperar por completo. Minha mãe fracassava em encorajá-lo, em insistir que se apoiasse em sua afeição por ela, por nós, que sofríamos ao vê-lo

daquele jeito. Mas foi justamente por causa daquela afeição que tudo veio a ruir; o seu apreço por nós foi o que o motivou tão decididamente a tentar expandir sua fortuna, o que, na cabeça de meu pai, tornava o seu fracasso excessivamente pior. Ele se lamentava, arrependido por não ter seguido os conselhos de minha mãe, que poderiam pelo menos tê-lo livrado do peso extra das dívidas recentes em seus ombros. Em vão, ele se repreendia por tê-la atraído para fora de sua vida luxuosa e digna a fim de se degenerar com ele sob as privações da pobreza. Aborrecia-lhe profundamente a alma ver aquela mulher extraordinária, culta, antes tão estimada, tornando-se aos poucos uma modesta dona de casa, suas mãos e pensamentos sujeitando-se eternamente ao labor dos afazeres domésticos. E toda aquela disposição de minha mãe em executar o trabalho que lhe era reservado, sua resignação frente aos insucessos, o tamanho apreço que tinha pelo meu pai a ponto de nunca o responsabilizar por sua condição... Em suma, saber que minha mãe, com todo o seu potencial, estava ali por livre e espontânea vontade só agravava o autoflagelo de meu pai. E todo esse sofrimento mental descia ao corpo, danificando seus nervos, que, por sua vez, devolviam os sintomas para a cabeça, até que esse ciclo o deixasse seriamente debilitado. E, por mais que tentássemos, nenhuma de nós conseguia ser suficientemente persuasiva para provar-lhe que nosso estado era muito menos desesperador do que a sua mente melancólica idealizava.

Apresamo-nos então em administrar os gastos: o nosso saudável e corpulento pônei foi vendido, aquele que, acreditáramos, permaneceria sob os nossos cuidados até que morresse; disponibilizamos a pequena cocheira e os estábulos para aluguel; o criado e a mais experiente das duas empregadas (ou seja, a mais cara) foram despedidos. Nossas roupas velhas foram remendadas e costuradas até atingirem o requisito mínimo para ser classificadas como utilizáveis; nossa comida, normalmente tão farta, foi reduzida a porções ínfimas, mas os pratos prediletos de meu pai permaneceram intocados; fomos obrigados a abdicar de uma das duas velas que compunham o nosso candelabro; alimentávamos a lareira com quantidades meticulosamente fracionadas de carvão, a menos que meu pai estivesse por

perto, visto que seu estado exigia que lhe fosse proporcionado mais conforto do que a nós. Havia momentos em que eu e Mary nos sentávamos perto da lareira apoiando os pés no guarda-fogo, por vezes remexendo com um graveto nas brasas quase apagadas e, eventualmente, adicionando a elas um punhado de carvão para mantê-las vivas.

Os nossos tapetes estavam todos velhos e gastos, e possuíam uma quantidade maior de remendos do que as nossas vestimentas. Para cortar gastos com o jardineiro, eu e Mary nos incumbimos de zelar pelas plantas; e toda função doméstica que não cabia nas mãos de uma única empregada era exercida por minha mãe e minha irmã, com apenas uma moderada ajuda de minha parte. Pois, embora eu me considerasse uma mulher feita, elas ainda me viam como uma criança. Além disso, eu e minha irmã não éramos filhas tão ativas, eu menos ainda que Mary; por isso, sendo minha mãe tão engenhosa e dedicada ao seu trabalho, ela sempre pensava duas vezes antes de confiar qualquer tarefa sua a uma de nós, principalmente a mim, certa de que ela conduziria o seu ofício infinitamente melhor sozinha do que em equipe. De modo que, sempre que eu punha meus esforços ao seu dispor, ela dizia algo como “não, querida, isso não é para você. Vá ajudar sua irmã, ou dar uma caminhada com ela, não a deixe se tornar uma sedentária; assim ela vai emagrecer e ficar doente”.

Eu ia, então, ao encontro de minha irmã.

– Mary, a mamãe me mandou ajudar você; ou levá-la lá fora. Ela disse que você está se tornando uma sedentária, e que vai acabar doente se continuar assim.

– Não pode me ajudar, Agnes. E eu não posso sair com *você*; tenho muito trabalho a fazer.

– Então me deixe ajudá-la.

– Isso não é para você, querida. Vá praticar música, ou brincar com a nossa gata.

Havia sempre bastante serviço envolvendo costuras; mas nunca me fora ensinado como cortar um tecido e, a não ser na feitura de uns meros bordados, não havia nada mais em que eu pudesse ser útil, pois, para elas,

era muito mais produtivo simplesmente fazer o trabalho do que desperdiçar seu tempo me ensinando o que elas já faziam com maestria. Aliás, preferiam que eu me dedicasse aos estudos, ou apenas que me distraísse com outras coisas. Diziam que eu tinha tempo suficiente para me voltar inteiramente aos nobres deveres que me eram destinados, como faria uma virtuosa e austera matrona; e, embora minhas habilidades não fossem de muito mais proveito do que as da gata, pelo menos o meu ócio seria produtor.

Ao longo de todo o tempo em que passamos afundados em nossas dívidas, minha mãe nunca se queixou de nossa falta de recursos financeiros, exceto por uma única vez; foi em um certo dia, quando o verão já se aproximava, que ela revelou a mim e a Mary o que se passava por sua cabeça:

– Seria tão maravilhoso se o seu pai passasse algumas semanas ao ar livre na costa... Estou certa de que a maresia e o ambiente fariam um imenso bem ao seu humor – disse. – Mas infelizmente nos falta dinheiro – acrescentou, suspirando.

Eu e Mary nos apressamos em implorar para que aquilo de fato se realizasse, mas então lamentamos diante da impossibilidade da excursão.

– Ora, não adianta sofrer por isso agora – disse ela. – Naturalmente, deve haver algo que torne esses planos possíveis. Mary, você é uma ótima artista. O que acha de pintar algumas de suas melhores aquarelas, emoldurá-las e exibi-las a algum mecenas visionário, que certamente terá senso crítico para julgar seus méritos?

– Mamãe, fico imensamente grata por acreditar que alguém *poderia oferecer* qualquer valor por elas.

– Mas vale a tentativa, minha querida. Tenha as pinturas em mãos e eu me esforçarei para encontrar um comprador.

– *Eu* queria ajudar – propus.

– Você, Agnes! Bom, quem sabe... Seus desenhos também são lindos. Pense em algo simples para desenhar, e arrisco dizer que você surgirá com uma obra que nos proporcionará imenso orgulho em expor.

– Na verdade eu estava pensando em outra coisa, mamãe. Já tenho isso em mente há algum tempo, mas nunca quis mencionar...

– É mesmo? Poderia então nos dizer do que se trata?

– Gostaria de me tornar uma preceptora.

Minha mãe lançou uma expressão de surpresa no ar e riu. Minha irmã deixou cair no chão as suas coisas, atônita, e exclamou:

– *Você*, uma preceptora? Deve estar sonhando, Agnes!

– Isso não é nada *tão* extraordinário assim. Eu não pretendo instruir garotas mais velhas; mas tenho certeza de que poderia lidar com as pequeninas. Eu adoraria, eu sou tão apegada a criancinhas... Permita que eu tente, mamãe!

– Mas, meu bem, você nem ao menos sabe zelar por *si mesma*! E é necessário muito mais competência para cuidar de crianças mais novas do que das mais velhas.

– Mas, mamãe, eu tenho mais de 18 anos, e sou muito capaz de cuidar de mim mesma, assim como de outros. Vocês nem fazem ideia de quanta sabedoria e sensatez eu possuo. Afinal, como poderiam saber? Eu nunca fui posta à prova.

– Agnes, pense – disse Mary –, o que você seria capaz de fazer em uma casa cheia de desconhecidos sem ter a mim ou à mamãe para lhe dizer como agir? *Você*, cuidando de si e de um bando de crianças... Quem você ia procurar por conselhos? *Você* nem saberia como vesti-las direito.

– Vocês acham que, só porque eu me comporto como vocês bem desejam, eu não tenho discernimento próprio. Apenas me deixem agir por mim mesma, e verão do que eu sou capaz.

Antes que qualquer uma de nós pudesse acrescentar algo, meu pai adentrou a sala, e então lhe explanamos o motivo de nosso desentendimento.

– Minha pequena Agnes, uma preceptora? – proferiu, rindo apesar de suas limitações.

– Isso mesmo, papai, e *não se atreva* a me contrariar. Eu gostaria imensamente, e sei que desempenharia essa tarefa com o maior prazer.

– Mas, meu amor, não poderíamos permitir que você se separasse de nós – disse. E, com os olhos marejados, acrescentou:

– Não, nem pensar! Apesar das adversidades, ainda não chegamos ao ponto de tomar medidas tão extremas quanto esta.